

RECURSOS HUMANOS

Longe das origens, mas em casa

Nos últimos anos, aumentou o número de estrangeiros que vêm trabalhar no Brasil. Para se adaptar à cultura local, vale desde o auxílio dos contratantes até ao uso do “jeitinho brasileiro”

Fernando Soares, especial para o JC

A ascensão econômica vivida pelo Brasil nos últimos anos faz com que o País seja visto de uma nova maneira pelos estrangeiros. A nação antes lembrada apenas pelas riquezas naturais se tornou um local interessante para trabalhar. Apenas em 2010, 56 mil gringos desembarcaram em solo brasileiro destinados a preencher alguma vaga. No mesmo período, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) concedeu 960 vistos para pessoas no Rio Grande do Sul, um acréscimo de 68% em relação ao ano anterior. Com o intuito de contornar as dificuldades de adaptação à cultura local, esse contingente recorre ao auxílio das empresas contratantes, de pessoas próximas e até mesmo ao famoso “jeitinho”.

Ao ser convidado para trabalhar no Estado há quatro anos, o alemão Sascha Zankel prontamente aceitou o desafio. Natural do município de Kalsruhe, o gerente de suporte da SAP Labs Latin America veio com a atribuição de ajudar na ampliação da então nova sede da empresa, construída em São Leopoldo. No princípio, a diferença cultural chamou sua atenção, mas a receptividade dos colegas de trabalho e das pessoas nas ruas ajudou a entrosá-lo. “Algumas coisas não eram habituais para mim. As pessoas são mais abertas e comunicativas, diferentemente da Alemanha. Também me preocupava muito com a segurança, mesmo tendo viajado muito nunca ter me acontecido nada antes. Mas ficar alguns dias ou semanas é diferente de vir para morar”, compara Zankel, que reside sozinho em Porto Alegre.

O aprendizado do idioma não chegou a ser problema para o germânico. A vivência anterior na Espanha, por cinco anos, o deixou fluente no espanhol, algo que facilitou a familiarização com a nova língua. Mesmo assim, ele enfrentou alguns entraves na hora de se comunicar. “Eu entendia bem o português, mas não conseguia falar”, resume. Quando chegou, Zankel recorreu ao

inglês para se expressar em lojas e restaurantes, mas a tática não funcionou. Poucas pessoas o entendiam. Até se acostumar com o português, ele utilizou o espanhol e, inclusive, o alemão. “Como aqui tem muitos descendentes germânicos, às vezes procuro alguém que fale alemão. Já achei até em posto de gasolina. A gente fica bem feliz por falar alemão com alguém daqui”, comemora.

Cerca de 3% dos funcionários da SAP são estrangeiros. Ligada à área de Tecnologia da Informação (TI), a multinacional estimula a mudança de ambiente entre os profissionais. “A SAP tem uma cultura global. Então, para reproduzirmos o que a empresa representa globalmente, é importante termos estrangeiros aqui. Isso possibilita trocas de culturas e de experiências”, explica Adriana Kersting, gerente de RH.

A empresa possui um departamento chamado Global Mobility, encarregado por conduzir o processo de preparação e adaptação dos estrangeiros e seus familiares ao país de destino. Nele, são tratados itens como a escolha da moradia e da escola dos filhos e questões burocráticas, referentes à documentação. Além disso, a companhia recorre a consultorias e oferece cursos do idioma e sobre a cultura local.

As estatísticas do MTE apontam os artistas e desportistas estrangeiros como os principais desbravadores do Estado, com 341 deles aportando no mercado trabalhista gaúcho no ano passado. Habitando em Porto Alegre desde junho de 2007, o jogador de futebol argentino Pablo Guiñazu classifica como “excelente” sua ambientação à Capital. Para o volante do Internacional, a adaptação foi tão fácil quanto efetuar um desarme em um adversário. Neste sentido, as semelhanças da cidade com sua terra natal ajudaram no processo. “Porto Alegre é Argentina também. É tudo igual. O clima, os costumes, tudo. A única coisa que nós não temos lá é o feijão. Mas, agora, até feijoada eu como”, relata.

Conhecido pela intensa movimentação dentro de campo, Guiñazu teve de usar essa virtude fora das quatro linhas desde o desembarque no aeroporto Salgado Filho. Na busca de uma residência para a família e no reconhecimento da cidade, ele recorreu ao taxista Giovani Cassafuz, responsável, no início, por levá-lo e buscá-lo nos treinamentos no estádio Beira-Rio. Sem medo de errar, o jogador arriscava o português e perguntava às pessoas a pronúncia correta das palavras. Em poucos meses, a



Guiñazu, com o filho Matias, diz que a adaptação da família foi muito positiva

rede de contatos se ampliou e, com consequência, outros amigos começaram a aparecer para fornecer dicas. O clube se dispôs a colocar um funcionário à sua disposição, mas ele descartou essa alternativa.

Nos seis primeiros meses, o principal obstáculo driblado por Guiñazu foi a saúde da família. Vindo do Paraguai, sua transferência ocorreu na metade do ano. Por isso, a esposa e os dois filhos, um deles recém-nascido, permaneceram em Assun-

ção para que o primogênito concluísse o ano letivo. Durante o período, os parentes o visitavam duas vezes ao mês. Posteriormente, eles se estabeleceram de forma definitiva em Porto Alegre. Não se arrependeram da escolha. “Fomos muito bem recebidos. Se eu tiver que sair ou quando parar de jogar, não vai ser fácil ir morar em outro lugar porque nos adaptamos muito bem aqui”, destaca o atleta. Recentemente, ele ampliou o contrato com o Inter até 2014.

Porto Alegre é demais

O gerente de suporte da SAP Labs Latin America, Sascha Zankel, e o jogador do Internacional Pablo Guiñazu têm profissões antagônicas na essência, mas semelhantes em um aspecto: ambas se desenvolvem conforme o mercado de trabalho as encaminha. O caráter nômade dos ofícios desempenhados por Zankel e Guiñazu fez com que eles vivessem em diversos países. Mesmo com as experiências anteriores, os elogios revelam um carinho especial pela Capital gaúcha, onde vivem há quatro anos. Para os gringos, Porto Alegre é demais.

“Eu me vejo aqui vários anos mais. Não tenho previsão de ir para outro lugar, pois estou bem. Eu gosto daqui, o ambiente de trabalho é muito bom e o lugar cresce muitíssimo”, justifica Zankel, que, antes de chegar ao Brasil havia morado na Espanha e na Irlanda. Satisfeito

com a cidade e o Estado, nem mesmo o trânsito caótico, o principal defeito em sua opinião, tira o bom humor do germânico. Seus relatos empolgados motivaram os pais e o irmão a se deslocarem da Alemanha para visitá-lo, em abril. O passeio incluiu parques, restaurantes, shoppings e o museu Iberê Camargo, além de uma ida a Gramado. “Eles ficaram impressionados com os serviços daqui. Os clientes são mais bem cuidados e tratados do que na Alemanha. Isso os impactou bastante”, revela.

Ao chegar, Guiñazu não esperava se adaptar tão rápido ao município. Hoje, o idioma e o modo de vida dos porto-alegrenses estão incorporados no dia a dia da família. Um dos programas favoritos dele e da esposa é assistir ao primogênito, Matias, 10 anos, jogando na Espanha e na Irlanda. Satisfeito

com a cidade e o Estado, nem mesmo o trânsito caótico, o principal defeito em sua opinião, tira o bom humor do germânico. Seus relatos empolgados motivaram os pais e o irmão a se deslocarem da Alemanha para visitá-lo, em abril. O passeio incluiu parques, restaurantes, shoppings e o museu Iberê Camargo, além de uma ida a Gramado. “Eles ficaram impressionados com os serviços daqui. Os clientes são mais bem cuidados e tratados do que na Alemanha. Isso os impactou bastante”, revela.

Além disso, o filho mais novo, Lucas, 4 anos, familiarizou-se com a língua. “Falamos em espanhol, ele entende, mas só responde em português”, diz o volante colorado.

A receptividade dos gaúchos impressionou o argentino. Em 15 anos de carreira, o jogador havia atuado na Itália, no Paraguai e na Rússia e jamais tinha presenciado algo parecido. Para alguém que enfrentou dificuldades no exterior, principalmente no Leste europeu, foi uma grata surpresa. “Os russos são muito fechados. Só se tornaram mais amáveis quando comecei a demonstrar que queria aprender a viver como eles. Eles não gostam de alguém que chegue lá e não demonstre interesse pelo idioma e pelos costumes”, constata o jogador, dando um conselho válido aos expatriados em qualquer lugar do mundo.

Na época, os assíduos atenta-



Zankel trouxe a família da Alemanha para visitá-lo em abril e garante que eles voltaram bem impressionados

dos à bomba, frutos do conflito com a Chechenia, também respingaram no cotidiano do jogador. Devido às ações violentas, os russos enrijeceram a segurança, instalando barreiras policiais por todo o território. Quem destoasse do estereótipo russo logo era parado pelos guardas. “A cada 50 metros, eu apresentava meu passaporte e mostra-

va um papel que me identificava como atleta. Isso me marcou. São diferenças culturais e diferentes problemas. No exterior, eles estão atentos a coisas que talvez a gente nem perceba”, analisa. Entretanto, o incômodo foi tirado de letra. “Na primeira vez, dava risada e dizia para eles, brincando, que não ia matar ninguém”, recorda.

Psicologia intercultural surge como alternativa

Em busca de rápida adaptação ao país no qual irão viver, executivos, gestores e atletas têm recorrido à psicologia intercultural. Através de treinamentos e plantão em tempo integral, o trabalho de especialistas visa à assimilação ao estilo de vida e às peculiaridades de uma outra nação. A intenção é fazer com que a pessoa incorpore os aspectos culturais. Destinada tanto para quem chega quanto aos que fazem o caminho inverso, a atividade vem ganhando destaque no meio empresarial. Nos últimos anos, as companhias começaram a perceber que o rendimento de um funcionário está diretamente relacionado à sua ambientação ao local. Mesmo com a crescente demanda por esse tipo de serviço, ainda existem poucos agentes para desenvolvê-lo.

Itens como nacionalidade, destino e ramo de atuação influenciam o modo como a abordagem será realizada. “Nosso trabalho é desenvolver uma pessoa que, ao se mudar, consiga de fato viver lá fora”, afirma Andréa Sebben, psicóloga intercultural. Geralmente, a preparação do brasileiro ao exterior é mais difícil de ser conduzida. Os estrangeiros costumam ser mais receptivos a outras culturas.



Gabriela (e) e Andréa auxiliam pessoas na assimilação ao estilo de vida de outros países

No consultório de Andréa, a ação é feita em duas etapas e envolve o profissional, os familiares que o acompanharão na mudança e os parentes remanescentes. Em um primeiro momento, realiza-se uma capacitação de dois dias, envolvendo dinâmicas e atividades grupais ou individuais. Um dos recursos utilizados é a simulação de realidade, em que o participante é inserido em um cenário para

ter uma prévia de situações vivenciadas no futuro. A metodologia utilizada, no entanto, depende do acordo feito durante a contratação do serviço. Ao final, é disponibilizado suporte telefônico e online permanente por toda a estada no exterior.

Há dois anos, o foco começou a ser direcionado a um segmento distinto. As recorrentes queixas dos clubes sobre o despreparo dos

estrangeiros para assimilar as características de uma nova nação motivou a atuação junto aos atletas. “O jogador de futebol, geralmente, é um garoto de 20 anos, pressionado e tendo que dar o resultado de um executivo de 50. Mas a maioria deles tem a mentalidade de um intercambista de 15 anos”, define a psicóloga culturalista Gabriela Ribeiro.

Andréa e Gabriela tentaram uma aproximação com equipes europeias, mas a iniciativa ainda não caiu no gosto dos dirigentes. Além disso, poucos boleiros aderiram ao programa. Quem recorreu ao método, porém, não se arrepende. Antes de se transferir para o Tottenham Hotspur, da Inglaterra, em agosto de 2010, Sandro Ranieri buscou ajuda para se ambientar a Londres, cidade do clube. Estimulado por seu empresário, o ex-volante do Internacional e sua esposa foram preparados para a mudança. Os pais do atleta também receberam instruções para aprender a conviver distantes do filho. Os frutos do investimento vêm sendo colhidos. Em menos de seis meses, o atleta se tornou titular da equipe, sendo eleito o melhor jogador em campo em diversas partidas.

Expatriados da Marcopolo recebem treinamento

Assim como o bom momento da economia brasileira favoreceu a importação de profissionais, algumas empresas aproveitaram o cenário para realizar a movimentação no sentido inverso. É o caso da Marcopolo, que, com a implementação de fábricas no exterior, começou a exportar mão de obra a partir do final da década de 1990. A expansão dos negócios para África

Sul, Argentina, China, Colômbia, Egito, Índia, México e Rússia tornou o deslocamento de funcionários para esses países.

Os expatriados têm a missão de ampliar a capacidade produtiva da empresa, encarregando-se de preparar e treinar o efetivo local. “O objetivo é exportar o conhecimento e a cultura da nossa organização para lá”, garante o gerente de Recursos

Humanos, Osmar Piola. Para que a ambientação do profissional seja realizada o mais rápido possível, a multinacional investe em um longo processo de preparação. De três a seis meses antes do embarque, ele passa a receber palestras sobre a cultura e os costumes, além de aulas do idioma. Caso os familiares o acompanhem na viagem, eles são submetidos ao mesmo procedimento.

Em meio ao treinamento, o funcionário viaja ao país de destino para conhecer o futuro espaço de trabalho. “Seguimos um roteiro para que ele possa saber aonde vai estar. Trazemos pessoas para falar sobre economia, educação, habitação e saúde”, diz Piola. A iniciativa rendeu bons resultados: nenhum empregado pediu para voltar ao Brasil antes do previsto.

Quem embarca vai com contrato temporário, estipulado em, no máximo, dois anos. Também há transferências esporádicas para tarefas específicas. Recentemente, 100 empregados rumaram à Índia para uma grande operação. Hoje, 57 brasileiros trabalham nas sedes da Marcopolo em outros países. Cerca de 60% deles ocupam cargos ligados à gestão. Os demais atuam na linha produtiva.